

SERRALVES

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA

Português English

O

MUSEU

*THE MUSEUM AS
PERFORMANCE*

COMO

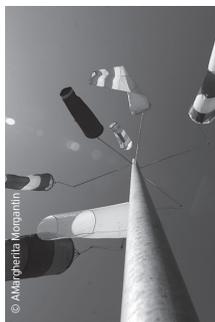
PERFORMANCE

CECILIA BENGOLEA (AR) & FRANÇOIS CHAIGNAUD (FR), COLETIVO
LOA (PT), GUILLEM MONT DE PALOL (ES) & MIGUEL PEREIRA (PT),
INÊS TARTARUGA ÁGUA (PT), JACK SHEEN (UK), MARGHERITA
MORGANTIN (IT), PAZ ROJO (ES), ROGÉRIO NUNO COSTA (PT)

11—12 SET SEP

SERRALVES - MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA
SERRALVES - MUSEUM OF CONTEMPORARY ART

O Museu como Performance conta com o apoio da Morgan Phoa Family.
The Museum as Performance is made possible by the Morgan Phoa Family.



© Margherita Morgantini

MARGHERITA MORGANTIN

COSMIC SILENCE (FLUORESCENCE)

Instalação Installation

11-12 SET SEP, 10:00 - 20:00

Capela e Parque de Serralves
Serralves Chapel and Park



© Laura Hillier

JACK SHEEN

CROON HARVEST, 4h

11 SET SEP, 15:00 - 19:00

Versão de interior

Indoors version

Casa de Serralves

Serralves Villa

12 SET SEP, 15:00 - 19:00

Versão de exterior

Outdoors version

Ténis do Parque de Serralves

Tennis of Serralves Park



© Emilio Tomé

PAZ ROJO

ECLIPSE: MUNDO, 65'

11 SET SEP, 17:00

Auditório de Serralves

Serralves Auditorium



INÊS TARTARUGA ÁGUA

VARIAÇÕES PARA PIÕES N.º 1, 25'

11 SET SEP, 19:30

12 SET SEP, 15:30,

17:00, 18:00

Casa de Serralves

Serralves Villa



© Jari Nummela

ROGÉRIO NUNO COSTA

MISSED-EN-ABÎME, 40'

12 SET SEP, 17:30, 19:30

Galerias do Museu de

Serralves

Serralves Museum

Galleries



© Miguel Fernandes

GUILLEM MONT DE PALOL & MIGUEL PEREIRA

FALSOS AMIGOS, 60'

12 SET SEP, 16:00

Auditório de Serralves

Serralves Auditorium



COLETIVO LOA

NKISI, 70'
11 SET SEP, 15:30, 20:00
Galerias do Museu de
Serralves
Serralves Museum
Galleries
Instalação Installation
11 SET SEP, 10:00 - 20:00
12 SET SEP, 10:00 - 17:00



PAZ ROJO

**TO SEE THIS DANCE
/ TO DANCE IN THE
AGE OF
NO-FUTURE**, 60'
Filme e conferência
Film screening and
conference
12 SET SEP, 15:00
Casa do Cinema Manoel
de Oliveira



CECILIA BENGOLEA & FRANÇOIS CHAIGNAUD

SYLPHIDES, 60'
12 SET SEP, 18:30
Hall do Museu de
Serralves
Serralves Museum Hall

O MUSEU COMO PERFORMANCE

O Museu como Performance regressa a Serralves em setembro para a sua 7ª edição. Mais um passo para a afirmação do lugar da performance no espaço do Museu, mas também para o seu questionamento.

Em tempos de negociações dramáticas da presença, derivadas e agudizadas por crises sanitárias, emergências ambientais e fricções sociopolíticas que somatizam as dores de crescimento dos ideais cosmopolitas à escala global, a performance oferece-se como uma possibilidade e campo de reflexão e experimentação, de encontros e de tensões cuja urgência parece inescapável.

As lógicas da produção de valor e da economia da atenção no capitalismo atual são participantes ativas na conjuntura que tem conduzido às grandes agitações e desafios que hoje nos assaltam. A coreógrafa Paz Rojo tem dedicado a sua investigação à conceptualização, experimentação e prática da dança por forma a deslocá-la no sentido de escapar a estas lógicas e perceber as potencialidades éticas, estéticas e políticas que estão em jogo neste mesmo exercício. A peça *ECLIPSE : MUNDO* e o livro que a acompanha, *To Dance in the Age of No-Future*, constituem exatamente um momento de partilha desta pesquisa. A dança, essa esvazia-se de intenções em busca de uma outra instanciação. Curto-circuitada pela sua própria preparação em meio de um território de dissociação perceptiva, ela torna-se “um grave contínuo, uma ruína, um murmúrio”.

O exercício do esvaziamento atravessa a referência duchampiana do desaparecimento do artista que Rogério Nuno Costa investiga e questiona à luz das suas relações históricas e artísticas com o gesto criativo radical. Concebido como um dispositivo tripartido, *Missed-en-âbime* - obra em estreia deste artista, investigador e escritor - interpela-nos sobre a experiência de aceitação do insucesso, do desaparecimento e da invisibilidade enquanto gestos de resistência e sobrevivência face a regimes intransponíveis e historicamente irresolúveis. Resultado de um percurso de pesquisa e colaboração assente na tríade Arte-História-Solidão, a peça conduz-nos por matérias visuais, textuais e sonoras alimentadas pelo pensamento artístico e filosófico presente neste monólogo confessional “queer e sacrificial”.

Já o murmúrio, esse aparece como a principal substância material e afetiva de *Croon harvest*, obra multiforme do jovem compositor e maestro britânico Jack Sheen. Ele emerge aqui num fluxo contínuo, quase estático. Partindo da fragilidade e do grão das vozes não projetadas, Sheen entretece uma composição flexível que se instala no espaço. Ela surge como um ambiente, uma densidade, uma textura no ar que rodeia o público e que tende a escapar às lógicas de gratificação intelectual e emocional normalmente

visadas em discursos, processos ou dinâmicas musicais. A peça encontra a sua vitalidade na sensação de intimidade que envolve estas vozes delicadas, entre-laçadas com “silêncios” domésticos, ressonâncias subtis de cordas e assobios fugazes.

Os piões de Inês Tartaruga Água atravessam e são atravessados pelo ar, essa materialidade que também transita em nós soprando vida e morte na nossa existência, e cuja transparência se tornou ameaçadora em tempos de pandemia. Estas *Variações para piões* invocam o poder encantatório inscrito no confronto das ressonâncias das matérias e formas comuns e na aleatoriedade que vive em gestos e movimentos simples dos corpos.

Recupera-se a escuta individual e a meditação face ao carácter transitório e hipnótico que define o gesto de lançar o objeto e a sua rotação contínua no espaço. A possibilidade de resgatar um território de intimidade e silêncio.

As mangas de vento surgem como objetos e elementos simbólicos na obra da artista italiana Margherita Morgantini. Animadas pela meteorologia, pelo movimento de massas de ar, vemos-las presentes nos cumes elevados da montanha Gran Sasso - que, no interior, alberga laboratórios de física nuclear -, pontuaram a viagem de ida e volta em automóvel entre Milão e Serralves realizada pela artista, e surgem nos espaços de Serralves. Elas simbolizam a infinitude de partículas invisíveis que determinam a existência dos corpos dos nossos, aos celestes, mesmo a uma escala subatómica, como no caso da radioatividade. *Cosmic Silence (fluorescence)* sinaliza a importância de sonhar o ínfimo, de uma imaginação do infinitesimal, enquanto instrumento privilegiado para uma ligação mais íntima com a realidade ambiental e climatérica, pois essa “realidade” será sempre, para nós, uma invenção.

A imaginação da invisibilidade sustenta igualmente a arquitetura do mundo da magia e da espiritualidade. Os nkisi - seres espirituais ou objetos por eles habitados - povoam esses mundos em várias regiões de África, nomeadamente em Angola, transitando entre (e agindo sobre) estes e os mundos do céu e da terra - incluindo o humano - e assumindo assim um papel essencial na percepção da continuidade existente entre todos eles.

O Coletivo LoA propõe a invocação da força transformadora dos Nkisi experimentando modos de ritualizar um resgate do seu poder de agenciamento e de ação que no Ocidente tendeu a sucumbir refém de derivas decorativas e exotismos colonialistas, nomeadamente em instituições museológicas.

Já os Silfos serão seres mitológicos da imaginação esotérica e alquímica Ocidental. Seres fantásticos, espíritos elementais do ar, que inspiraram várias criações e recriações artísticas, nomeadamente na dança e ópera clássicas. Cecilia Bengolea e François

Chaignaud propõem uma inserção que é também um abalo nesta linhagem. Cerimonial, claustrofóbico, exteriorizado pela presença de um grupo de esculturas mutáveis, lugar alusivo a um rito fúnebre ou talvez de reencarnação de um corpo confinado, esta *Sylphides* é a experiência de uma interioridade escultórica, psicológica e intimidante. A instalação performativa que ocupa o Hall central do Museu conjectura uma nova compreensão do nosso corpo e dos órgãos vitais que o compõem para o afastar da representação normativa e enraizada e perspetivar um novo sentido, ficcional e enigmático.

A instabilidade inscrita nas normas é, aliás, o ponto de partida de *Falsos Amigos* dos coreógrafos Miguel Pereira e Guillem Mont de Palol. Eles exploram as falhas de entendimento que a assunção de uma compreensão da linguagem baseada unicamente na origem etimológica das palavras pode provocar e, através do movimento e ações em palco, amplificam e extrapolam um absurdo que aqui encontra caminhos para se instalar. Esta “comédia de enganos” vem assim sublinhar a complexidade que assiste à comunicação, e realçando o subreptício mas incontornável poder daquilo que foge a evidências.

Mantendo-se em linha com a intenção fundadora de, durante um fim-de-semana, Serralves questionar o lugar da performance e da instituição que a acolhe, O Museu Como Performance escolhe o contacto com os artistas e a tentativa de perceber as suas singularidades, as suas inquietações intransmissíveis, como alicerce do processo de trabalho. Como princípio programático valoriza-se a convicção de que um território para as práticas artísticas sem fronteiras disciplinares poderá contribuir para a liberdade e independência essenciais à vitalidade do campo da arte. Simultaneamente, o entendimento das problemáticas resultantes da existência concreta dessas práticas é fundamental no sentido em que as tensões e desassossegos gerados espelham outros com os quais lidamos social, material e culturalmente.

Cristina Grande e Pedro Rocha

THE MUSEUM AS PERFORMANCE

The Museum as Performance returns to Serralves in September for its 7th edition. This is one more step towards affirming the place of performance within the Museum's space, but also towards its questioning. At a time when presence is dramatically negotiated, a situation brought about and made more acute by sanitary crises, environmental emergencies and social-political frictions that somatise the growth pains of cosmopolitan ideals at the global scale, performance renders itself as a possibility and a field for reflection, experimentation, encounter and tension whose urgency seems inescapable.

The logics of value-production and the economy of attention in current capitalism are the active participants in a conjuncture which has led to the major agitation and challenges that are upon us now. Choreographer Paz Rojo has been dedicating her research to conceptualizing, experimenting and practicing dance in the direction of making it exterior to these logics and towards an understanding of the ethical, aesthetic and political potentials at stake in the very exercise. The piece *ECLIPSE : MUNDO*, and the accompanying book, *To Dance in the Age of No-Future*, are precisely a moment to share this research. Dance empties itself of intentions in search of another instantiation. Short-circuited by its own preparation amidst a territory of perceptual dissociation, it becomes a “continuous bass, a ruin, a murmur”.

This emptying exercise permeates the Duchampian reference of the artist's disappearance researched and questioned by Rogério Nuno Costa in light of its historical and artistic relations with the radical creative gesture. Conceived as a tripartite device, *Missed-en-âbime* - a premiere by this artist, researcher and writer -, questions us on the experience of accepting lack of success, of disappearance and invisibility as gestures of resistance and survival in the face of unsurmountable and historically irremediable regimes. The result of a path of research based on the triad Art-History-Solitude, the piece takes us through visual, textual and aural materials fed by the artistic and philosophical thought in this “queer and sacrificial” confessional monologue.

Murmur is the main material and affective substance in *Croon harvest*, a multiform work by young British composer and director Jack Sheen, as it emerges in a continuous, almost ecstatic flow. Resorting to the frailty and grain of the unprojected voices, Sheen weaves a flexible composition that pervades space with its density and texture in the air surrounding the audience and tends to elude the intellectual and emotional gratification that musical discourses, processes or dynamics usually aim at. The piece finds its vitality in the sensation of intimacy involving these delicate voices, interwoven with domestic “silences”, subtle string resonances and fleeting whistles.

Inês Tartaruga *Água's* whipping-tops cross and are crossed by air, that materiality that moves in us all breathing life and death into our existence, and whose transparency has become threatening in pandemic times. These "variations for whipping-tops" invoke the incantatory power inscribed in the confrontation of resonances of common materials and forms as well as in the randomness that inhabits the simple gestures and movements of bodies. Here, we see a regeneration of individual listening and meditation in face of the transitory, hypnotic character which defines the gesture of throwing the object and its continuous rotation in space. The possibility of ransoming a territory of intimacy and silence.

Windssocks are the objects and symbolic elements in the work of Italian artist Margherita Morgantini. Animated by meteorology, by the movement of air masses, they appear on the summits of the Gran Sasso - whose interior hosts nuclear physics laboratories - they have punctuated the artist's car trip from Milano to Serralves and back, and now appear in Serralves' spaces. They symbolize the infinitude of invisible particles that determine the existence of bodies, from our own to celestial bodies, even at sub-atomic scale as in the case of radioactivity. *Cosmic Silence (fluorescence)* points to the importance of dreaming and imagining the infinitesimal as a unique tool for a closer relationship with the reality of the environment and climate, a "reality" which will always be of our own invention.

The imagination of invisibility also sustains the architecture of the world of magic and spirituality. The Nkisi - spiritual beings or the objects where they live - inhabit those worlds across various African regions, including Angola, transiting between (and acting upon) them and the sky and earth - including the human - as they take on an essential role in the perception of the continuity between all of these. Coletivo Loá proposes the invocation of the transformative power of the Nkisi, as they experiment with modes of ritualizing a ransoming of the power agency and action, which has fallen hostage of decorative drifts and colonialist exoticism in the West, namely within museums.

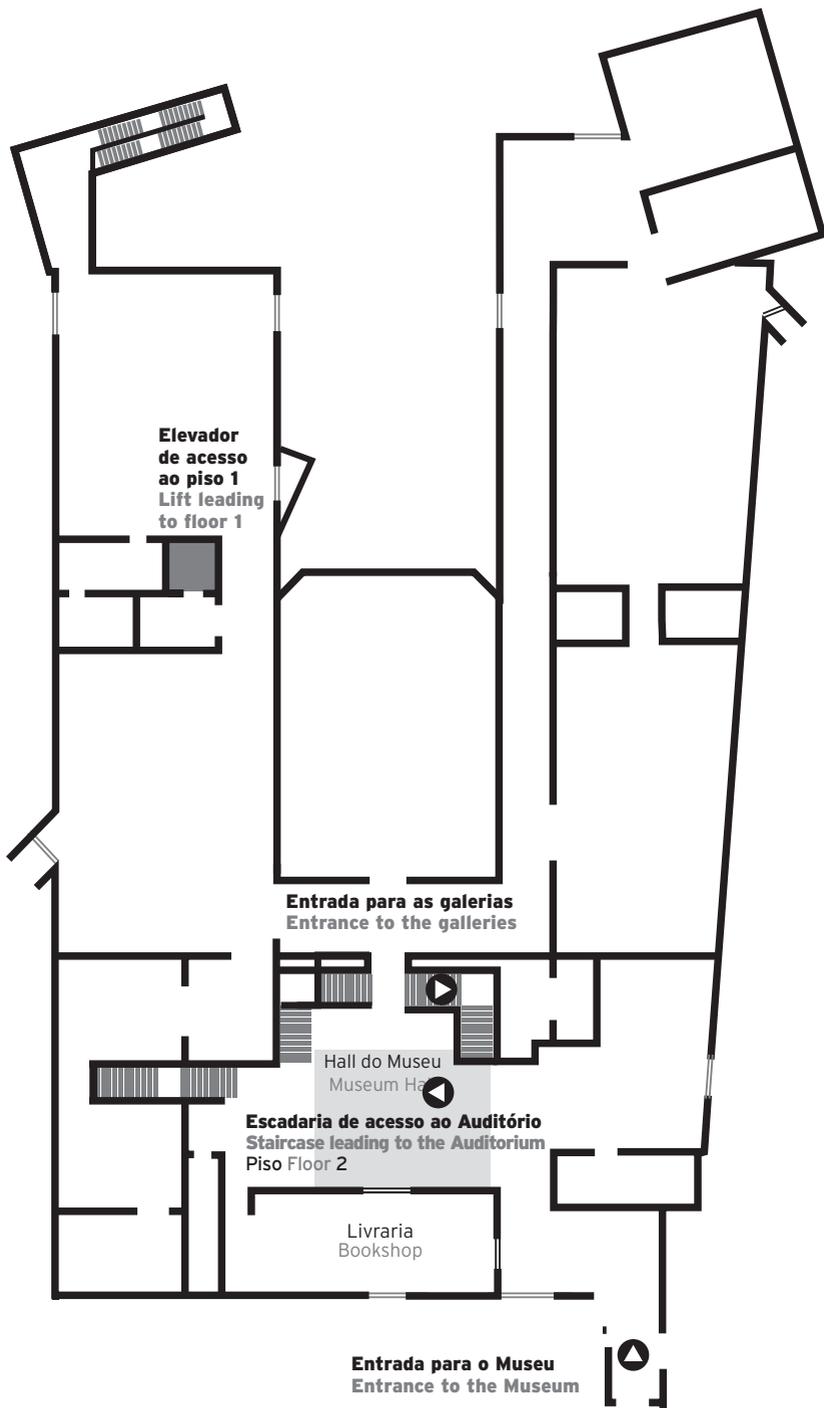
On the other hand, Sylphs are mythological beings from the western esoteric and alchemical imagination. Fantastical beings, a figment of the western elemental spirits of the air, who have inspired several artistic creations and recreations, namely in classic dance and opera. Cecilia Bengolea and François Chaignaud propose an insertion which also unsettles this lineage. Ceremonial, claustrophobic, exteriorized by the presence of a set of mutable sculptures, an allusion to a funereal rite or perhaps the reincarnation of a confined body, *Sylphides* is the experience of a sculptural interiority of a psychological and intimidating nature. The performative installation in the

Museum's Central Hall conjectures on a new understanding of our body and its vital organs to shun the normative, deeply rooted representation and launch a new fictional and enigmatic meaning.

The instability inscribed in norms is, in fact, the point of departure for the piece *Falsos Amigos* [False Friends] by choreographers Miguel Pereira and Guillem Mont de Palol. The duo explores the misunderstandings that a comprehension of language based solely on the etymology of words may cause; through movement and stage actions they amplify and extrapolate an absurdity that here finds its ways to get settled. This "comedy of deceptions" underscores the complexity of communication and highlights the concealed, albeit undeniable power of what is not immediately evident.

In line with its constituting intention of questioning the place of Performance and of the hosting institution during a weekend at Serralves, the Museum as Performance privileges the contact with the artists and the attempt to understand their singularity, their untransmissible disquiet, as the foundation for the whole work process. As a programmatic principle, we value the belief that a territory without disciplinary borders for artistic practice may contribute towards the freedom and independence that are essential to the vitality of the art field and, simultaneously, we see the problematizing of the concrete existence of these practices as fundamental. The disquiet and tension that are generated mirror others found in our social, material and cultural experience.

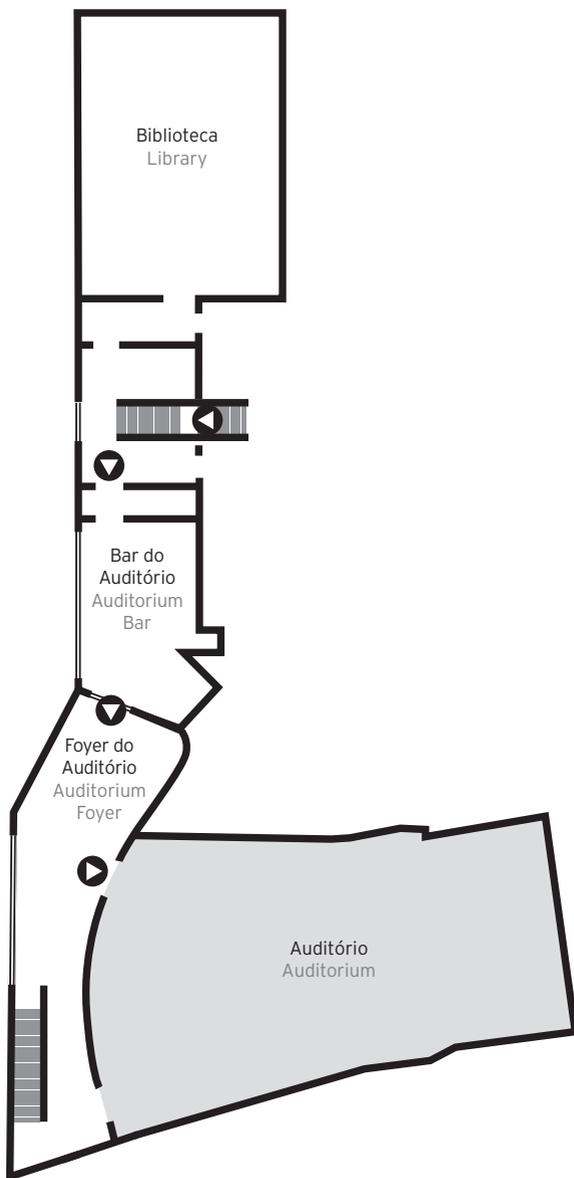
Cristina Grande and Pedro Rocha

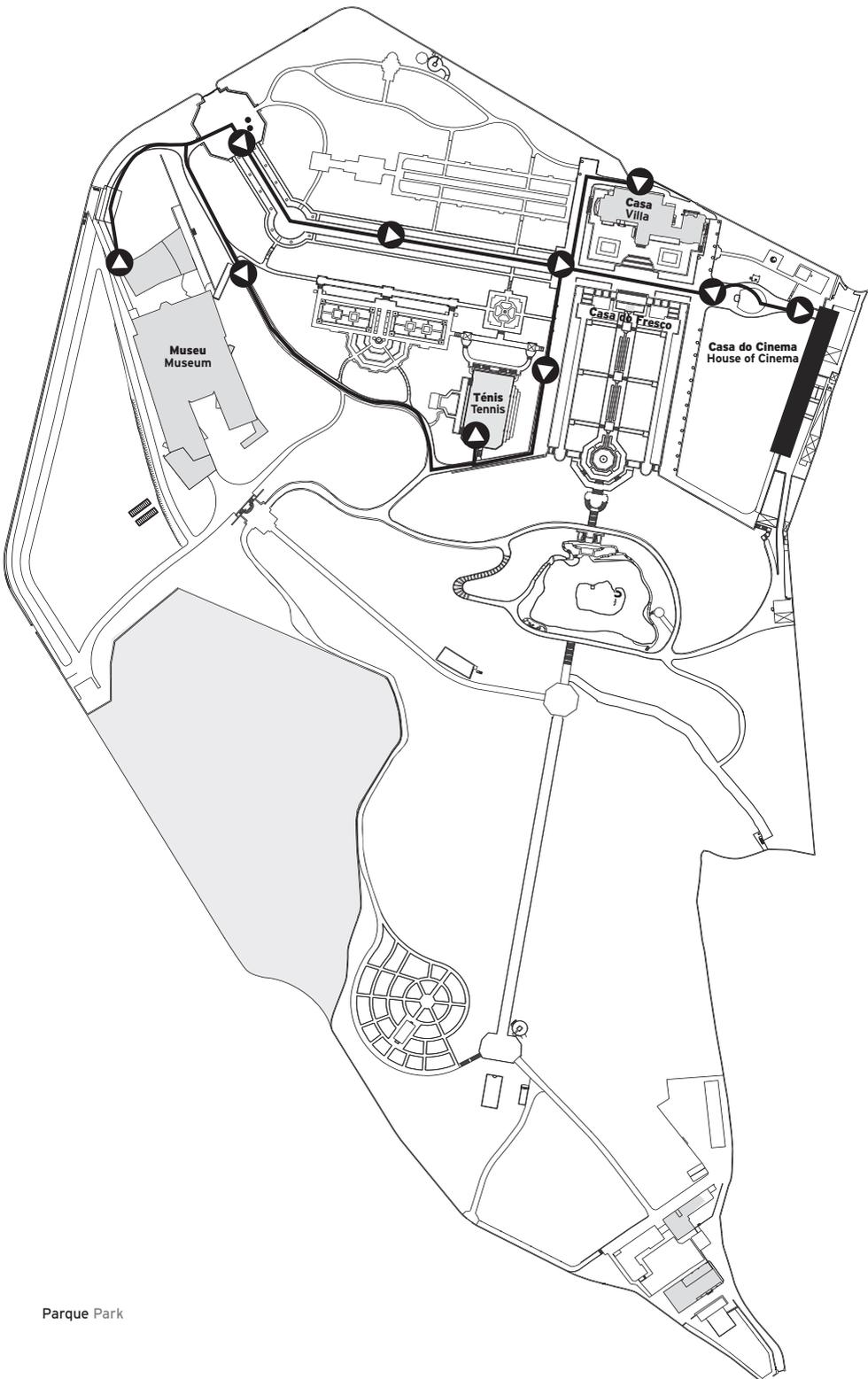


Piso Floor 3



Piso Floor 1





MARGHERITA MORGANTIN *COSMIC SILENCE (FLUORESCENCE)*

O projeto da artista italiana Margherita Morgantin para o Museu de Serralves no Porto, por ocasião de O Museu como Performance, intitula-se *COSMIC SILENCE (Fluorescence)* [SILÊNCIO CÓSMICO (fluorescência)] e faz parte do projeto *VIP = Violation of the Pauli exclusion principle SOPRA LA MONTAGNA SOTTO LA MONTAGNA* [Violação do princípio de exclusão de Pauli, SOBRE A MONTANHA, SOB A MONTANHA]. Trata-se de uma instalação de um vídeo ambiental filmado em planaltos de montanha, apresentando mangas de vento que indicam os movimentos invisíveis do ar, criando um novo ponto de referência visual para os observadores sensíveis às mudanças atmosféricas. O restolhar das mangas de vento é acompanhado pela difusão das traduções acústicas dos espectros de onda sub-nucleares (em colaboração com a música eletrônica Ilaria Lemmo) e por um diário de viagem sonoro criado para esta ocasião.

As experiências que fizeram parte de *COSMIC SILENCE*, e que ainda decorrem, pretendem aprofundar o estudo dos mecanismos moleculares envolvidos na resposta biológica à radiação ambiental em sistemas modelo, quer in vitro quer in vivo, a diferentes níveis da escala filogenética.

A manga de vento, um elemento simbólico ligado à meteorologia, tem acompanhado a investigação da artista desde há anos, e é também um sinal literal nas zonas de autoestrada expostas a ventos fortes ao longo da rota terrestre que a artista percorreu de Itália ao Porto e vice-versa. As mangas de vento instaladas em Serralves são cosidas com fragmentos de roupa fluorescente usada pelos trabalhadores das autoestradas. O comentário áudio que se pode ouvir, mistura a tradução acústica do espectro radioativo das experiências de física nuclear nos laboratórios de Gran Sasso (mais precisamente no túnel de neutrinos) com os sons gravados ao longo da viagem por terra que seguiu a necessidade de verificação geográfica do mundo após os meses de confinamento: a necessidade física de apontar no sentido de um horizonte oceânico, chegando à costa atlântica portuguesa sem recorrer a qualquer voo.

“Se os elementos invisíveis e microscópicos redefinem as leis do movimento e os destinos dos corpos no planeta, um novo sistema audiovisual de sinais rodoviários acompanha a experiência de um espaço que foi redescoberto ou que talvez tenha estado disponível pela última vez”. (M.M.)

Os quatro trabalhos que formam a intervenção para O Museu como Performance são ao mesmo tempo vestígios da passagem da artista e sinais de movimentos de partículas. Estes incluem a instalação vídeo *Campo base. Una specie del vento* [Campo Base. Uma espécie de vento] (som, cor, 2h 15’): o início da monitorização

climática e performativa do projeto *VIP = Violation of the Pauli exclusion principle SOPRA LA MONTAGNA SOTTO LA MONTAGNA*; *Cosmic Silence 1, MIRA* (manga de vento instalada na torre da capela da Casa de Serralves); *Cosmic Silence 2, Fluorescence 1* (manga de vento instalada no vão das escadas da torre e faixa áudio ambiente - tradução de espectros *VIP*); *Cosmic Silence 3, fluorescence 2* (manga de vento instalada no exterior da “casa do fresco” dos jardins de Serralves e áudio-difusão ao longo do interior desse espaço de uma faixa áudio sobre texto com base de sons extraídos da gravação integral da viagem de carro da artista de Serralves até Milão).

A cordilheira Gran Sasso, no centro de Itália, é o centro físico e simbólico da investigação de Margherita Morgantin graças à sua excepcional dupla perspetiva.

VIP é uma via de investigação que parte da observação de algumas imagens da física sub-nuclear e da astrofísica numa relação com a imaginação artística praticada através de um método de sensibilidade pessoal como forma de dado científico. O título toma de empréstimo o nome de uma experiência em física de partículas que tem vindo a ser realizada ao longo de anos nos laboratórios subterrâneos de Gran Sasso do Instituto Nacional de Física Nuclear sob o maciço de Gran Sasso. *VIP* é a abreviatura que designa a pesquisa experimental em busca de “átomos impossíveis”, cujo surgimento violaria o princípio de exclusão de Pauli, ainda considerado uma das pedras de toque do nosso entendimento do universo e da matéria. Em *VIP*, o corpo e experiência da artista tornam-se parte dos instrumentos científicos usados na investigação de campo. *VIP* tem-se desenrolado entre 2020 e 2021 com vários graus de envolvimento de vários interlocutores e públicos no processamento e apresentação dos seus resultados.

Produção: Xing, 2021

VIP = Violation of the Pauli exclusion principle, SOTTO LA MONTAGNA, SOPRA LA MONTAGNA é realizado graças ao apoio do Italian Council (VIII edizione 2020).

Margherita Morgantin é uma artista visual italiana nascida em Veneza que vive e trabalha em Milão. Formou-se em Arquitetura no Departamento de Física Técnica do IUAV pesquisando sistemas de previsão de luz natural. O seu trabalho articula-se por meio de diferentes linguagens, que vão do desenho e instalação à performance, movendo-se por uma linha que liga linguagem, filosofia, matemática e cultura visual. Contato e convivência, observação e imaginação, são os intervalos abertos que caracterizam a obra de Morgantin. Tem participado em exposições coletivas shows e festivais em Itália e noutros países. Projetos recentes dela incluem: *VIP = Violação do princípio de exclusão de*

Pauli, *SOTTO LA MONTAGNA, SOPRA LA MONTAGNA* (2020-21), *Doing Desculturalization* (Museion, Bolzano 2019); *Mi-abito* (Farmacia Wurmkoos e Museo del 900, Milão 2019); *BienNolo* (Spazio ex Cova, Milano 2019); *Vetrine di Libertà, La Libreria delle donne di Milano, ieri, oggi* (Fabbrica del Vapore, Milão 2019); *Artworks that ideas can buy* (Arte Fiera/Oplà.Performing Activities, Bologna 2019), *Artworks that ideas can buy* (Arte Fiera/Oplà.Performing activities, Bolonha 2019); *Hospitality* (Non-objective Sud, Toulette, France 2018); *Embracing the moment* (Beatrice Burati Anderson Art Space and Gallery, Veneza 2018); *AndarXporte* (Palazzo Archinto, Milão 2017); *Et in terra* (Beatrice Burati Anderson Art Space and Gallery, Veneza 2017); *Drawings* (Auditorium del Parco di Renzo Piano, L'Aquila 2017); *Flow* (Basilica Palladiana, Vicenza 2017). Publicou os livros de textos curtos e desenhos *Titolo variabile* (Quodlibet 2009), *Agenti autonomi e sistemi multiagente* (com Michele Di Stefano) (Quodlibet 2012), *Wittgenstein* (nottetempo 2016), *Lo spazio dentro* (com Maddalena Buri) (nottetempo e-pub 2020), *Sotto la montagna Sopra la montagna* (nottetempo 2021). Desde 2013, trabalha como Pawel und Pavel, um projeto colaborativo de escrita e performance com Italo Zuffi. Colaborou com artistas sonoros/visuais e coreógrafos como Michele Di Stefano/mk, Roberta Mosca, Richard Crow, Mattin, Alice Guareschi e com o coletivo filosófico de mulheres Diotima. Ensina anatomia artística, ilustração científica e técnicas de performance na Accademy of Fine Arts em L'Aquila.

www.margheritamorgantini.eu

PAZ ROJO *ECLIPSE : MUNDO*

Direção: Paz Rojo

Desenho de Som: Fran MM Cabeza De Vaca

Dança: Oihana Altube, Arantxa Martínez, Jaime Llopis, Paz Rojo, Ricardo Santana

Desenho de Luz: Carlos Marquerie

Figurinos: Jorge Dutor

Coordenação técnica: David Benito

Assistência de som: Adolfo García

Fotografia: Emilio Tomé

Apoiado por: Uniarts (Stockholm University of The Arts) Sweden; Naves Matadero - Internacional Center of Live Arts and City Council, Madrid

ECLIPSE : MUNDO propõe um dispositivo de dissociação audiovisual em que a dança aparece como um vazio, como uma separação, como uma retração e como um abandono, correspondentes à origem etimológica da palavra “eclipse”. Como se fosse uma coreografia interrompida pela sua própria preparação, esta é uma dança que, embora não queira nada, faz alguma coisa. Tendo-se tornado um grave contínuo, uma ruína, um murmúrio, esta dança procura para si um outro ponto de partida, outra forma de voltar a dançar. Esta performance é acompanhada pelo livro *To Dance in the Age of No-Future*, de Paz Rojo, (publicado pela Circadian, Berlim 2019).

TO SEE THIS DANCE / TO DANCE IN THE AGE OF NO-FUTURE

Filme e conferência

O filme experimental *TO SEE THIS DANCE* faz parte de uma série de ensaios audiovisuais realizados durante a pesquisa artística de doutoramento. Com o termo “ensaio-audiovisual” experimentei a escrita como montagem. Ou com uma metodologia de escrita que envolve imagens, imagens de movimento, som e materialidades discursivas textuais como forma de engajamento em narrativas especulativas e ficcionais. Nestes trabalhos utilizo meios digitais e cinematográficos para re-articular uma variedade de aspetos conceptuais envolvidos nas performances que fiz durante a investigação. Concretamente, o filme *TO SEE THIS DANCE* consiste em traduzir a prática de dança e a estrutura conceptual de *ECLIPSE : MUNDO* para o meio digital e cinematográfico, levantando questões sobre o que é a imagem desta dança e como ela se faz ver neste quadro audiovisual particular.

No livro *To Dance in the Age of No-Future*, argumento a dança experimental contemporânea como uma potencialidade ainda não produzida e como uma categoria artística e conceptual de interesse ético e estético. Com base no livro, proponho partilhar algumas ideias sobre como a dança pode ser geradora de implicações estéticas, éticas e políticas quando praticada como estando afastada da produção de valor neoliberal e da sua economia da atenção. Uma questão que gostaria igualmente de deslocar para o contexto da pesquisa baseada na prática artística e nos seus processos de mediação, escrita e publicação, na medida em que também pode oferecer algumas respostas sobre a não relação entre a experiência estética e a produção de conhecimento na era do “capitalismo comunicativo”. - Paz Rojo

A apresentação de *ECLIPSE : MUNDO* e *TO SEE THIS DANCE / TO DANCE IN THE AGE OF NO-FUTURE* conta com o apoio de Mostra Espanha 2021, Gobierno de España - Ministerio de Cultura y Deporte, Embajada de España en Portugal - cooperación española

Paz Rojo (1974, Madrid).

Durante mais de uma década, Rojo tem pesquisado a produção de dança para além da estrutura da produção capitalista de valor. É doutorada em Filosofia em Belas Artes e em Práticas Performativas e de Media com especialização em coreografia pela Stockholm University of the Arts, Suécia. O seu trabalho tem sido desenvolvido por meio de dispositivos coreográficos, textuais, audiovisuais, curatoriais, coletivos e experimentais.

www.researchcatalogue.net/view/727172/727185

JACK SHEEN *CROON HARVEST*

Composição, direção: Jack Sheen

Interpretação: Ensemble Vocal Pro Música, dirigido por José Manuel Pinheiro

Gil Fesch (guitarra), Nuno Pinto (guitarra), Hugo Simões (guitarra), Laura Peres (violino), Ana Tedim (violino), Sofia Belo (violino)

Fotografia e vídeo: Laura Hilliard

A música de Jack Sheen manifesta uma preocupação em evitar narrativas lineares em favor de formas mais esculturais e ecológicas, muitas vezes usando ideias simples, como a repetição e a estática, enquanto questiona noções mais difusas, como processo, memória e clímax. *Croon harvest* (2020) centra-se no potencial da voz para criar uma intimidade notável quando no seu estado mais silencioso e não projetado, um estado no qual marcas, grãos e imperfeições ornamentam o som resultante. A peça é composta de pequenos fragmentos de som vocal, com duração de uma respiração, com cada cantor instruído a cantar de uma forma que se assemelhe a um murmúrio ou balbúcio, em vez de cantar de forma projetada.

A peça - uma instalação performática espacializada - convida a uma celebração da vacuidade, colocando suaves lamentos vocais em diálogo com gravações lo-fi de silêncio doméstico tomadas pelo grande corpo de cantores que interpretam a obra para criar uma delicada tapeçaria de instalação ritualística, murmúrios suaves e ruído branco.

Para O Museu Como Performance, Sheen apresenta duas versões da obra. Uma na sequência da original e apresentada ao ar livre no Parque de Serralves, e a estreia mundial de uma nova versão que inclui instrumentos de corda a ter lugar na Casa de Serralves.

A apresentação de *Croon harvest* em Serralves conta com o apoio de British Embassy Lisbon

Jack Sheen é um compositor e maestro de Manchester.

Trabalha regularmente com reputadas orquestras, ensembles, galerias e artistas em apresentações de concertos e performances operáticas, encomendas, instalações e projetos interdisciplinares. A própria música abrange obras para orquestras, ensembles e solistas, assim como instalações performativas imersivas que dispersam músicos, áudio, filmes e bailarinos em grandes espaços abertos e sem lugares sentados, confundindo as linhas entre composição de longa duração e a escultura. Suas composições recentes frequentemente existem em ambos os formatos. 2021 vê Jack Sheen estreiar com a London Symphony Orchestra, London Philharmonic Orchestra, Basel Sinfonietta, Britten Sinfonia e FontanaMIX Ensemble em diversos programas, incluindo estreias de sua própria música, o regresso à Lucerne Festival Academy

como maestro, a criação de um nova instalação áudio para a Bienal de Música de Veneza com o Neue Vocalsolisten Stuttgart, uma nova obra de concerto em grande escala e instalação performática para o Octandre Ensemble, o início de uma residência artística na PINK Gallery no centro da cidade de Manchester e a conclusão da bolsa enquanto Carne Fellow no Trinity Laban Conservatoire of Music & Dance, o primeiro compositor a ocupar esta posição.

Jack é o codiretor do London Contemporary Music Festival e cofundador da aclamada orquestra LCMF.

www.jacksheen.com

COLETIVO LOA *NKISI*

Direção Artística: Gil Mac

Intérpretes Criadores: Ana Rita Xavier, Cláudio Vidal, Dori Nigro, Wura Moraes

Música, construção e programação: Tiago Ângelo

Investigação e vídeo: Gonçalo Mota

Desenho de luz: Nuno Patinho

Interatividade: Grandpaslab

Coordenação de produção: Liliãna Abreu

Apoio à direção: Rodrigo Malvar

Apoio ao movimento: Vânia Rovisco

Apoio na investigação: Ana Stela Cunha

Apoio figurinos: Mário Calisto

Co-produção: Teatro Oficina e Mafagafa

Apoio residências: Projecto Agit Lab, CRL - Central Elétrica, gnration, Oficinas Do Convento, Sonoscopia Associação.

Apoio: Direção-Geral das Artes

Quatro entidades elementares, recetáculos de forças cósmicas, testam os limites do corpo num desejo transfigurador da matéria. Exploram as possibilidades de transcendência através da ativação mágica do espaço performativo, laboratório de iniciação ritual aos mistérios do invisível. Guiados por dispositivos sónicos robóticos e mutações lumínicas, estes seres desafiam a percepção da realidade. Associada ao espetáculo foi desenvolvida uma instalação que propõe um confronto hologramático com um nkisi nkondi, uma figura de poder portadora de forças sobrenaturais. Esta proposta instalativa estabelece uma relação fantasmagórica entre o espetador e objeto de museu que ganha vida e assombra as relações de dominação colonial a que foi sujeito, revelando e restituindo a sua capacidade mágica.

O coletivo LOA reúne músicos, performers, artistas visuais, investigadores e espíritos ancestrais, convocando pensamentos e ações mágicas, que subvertem fronteiras conceptuais estereotipadas e fragmentam narrativas imperialistas. O LOA trabalha a partir de cosmogonias afro-atlânticas propondo disrupções performáticas pós-coloniais que se materializam em espaços de resistência criativa.

INÊS TARTARUGA ÁGUA VARIAÇÃO PARA PIÕES Nº1

Conceção: Inês Tartaruga Água

Performers e cocriação: Beatriz Bizarro, Inês Tartaruga Água, Rui Fonseca e Xavier Paes

Variações para Piões são um conjunto de exercícios que têm como ponto de partida o lançamento do pião e o encontro desse corpo giratório com diversas matérias. Em *Varição n.º 1* explora-se a sonoridade de piões de cerâmica, cujas formas variadas resultam em ressonâncias de timbres e alturas distintas por efeito da rotação contínua do próprio objeto. Entram em jogo o corpo, matéria e movimento, usando o pião como instrumento que ocupa e se distribui no espaço através de trajetórias aleatórias criando uma dimensão sonora espacializada e composições únicas a cada ato, onde o silêncio e a escuta atenta sublimam momentos de tensão, hipnose e meditação.

Inês Tartaruga Água (Válega, 1994)

Artista multidisciplinar centrada nas questões da ecologia profunda e da biopolítica, exploradora sonora e adepta da filosofia DIY bem como de práticas colaborativas e participativas em espaço público. Participa em exposições coletivas desde 2013, com destaque para a XIII Bienal Internacional de Cerâmica Artística (Aveiro, 2017), *Убежище/Suoja/Shelter Festival - Laboratory* (Helsínquia, 2019), *48 часов Новосибирск* (Sibéria, 2019), ou *Soundscaapes* (Bahrein, 2019) com o coletivo artístico internacional Mycelium (RU, DEN, IT, EUA e PT). Funda com Xavier Paes a galeria OV/ (2021), o coletivo ecológico REFLEXO (2017) e *DIES LEXIC* (2015), duo de exploração musical. Integra a pseudo banda-falsa MOSCX5 com sede no Porto.

<https://tartaruga-agua.art/>

GUILLEM MONT DE PALOL & MIGUEL PEREIRA FALSOS AMIGOS

Conceito e Performance: Guillem Mont de Palol e Miguel Pereira

Desenho de Luz: Hugo Coelho - Aldeia da Luz

Produção: O Rumo do Fumo

Co-produção: Teatro Viriato

Parceiros: Citemor, Institut Ramon Llull, La Poderosa, La Caldera, Teatro das Figuras

Apoio: Fundação Calouste Gulbenkian, Novo Negócio/ZDB

Apoio à Criação: Opart, E.P.E./Estúdios Victor Córdon

Residências Artísticas: Citemor, Estúdios Victor Córdon, Festival Sálmon/Graner e Mercat de les Flors, Forum Dança, La Caldera, La Poderosa, O Rumo do Fumo, Novo Negócio/ZDB

Falsos Amigos é um novo projeto em cocriação de Miguel Pereira com o coreógrafo catalão Guillem Mont de Palol. Partindo da origem etimológica comum de

palavras de línguas diferentes, e de como por vezes essa aparente simbiose resulta em conceitos bastante distintos, “Falsos Amigos” posiciona os dois criadores num espaço de contraste entre o que há de semelhante e o que há de diferente entre eles.

Entre a língua castelhana e o português são frequentes os chamados falsos amigos, ou seja, palavras com grafia ou pronúncia parecidas, mas que na realidade possuem significados totalmente diferentes (“embaraçada”/“embarazada”, por exemplo). Desta correspondência de significados inadequada, baseada numa relação de amizade semântica falsa, Miguel Pereira e Guillem Mont de Palol desenvolvem a sua relação de falsa amizade - uma comédia de enganos a partir da exploração do movimento.

Falsos Amigos partiu de uma residência artística desenvolvida no âmbito do programa CRUZADOS, de La Poderosa (Barcelona).

A apresentação de *Falsos Amigos* em Serralves conta com o apoio de Mostra Espanha 2021, Gobierno de España - Ministerio de Cultura y Deporte, Embajada de España en Portugal - cooperación española

Guillem Mont de Palol (Girona, 1978).

Coreógrafo e intérprete, formou-se na SNDO (School for New Dance Development), em Amsterdão (2006). Desde então, tenho vindo a trabalhar em dança contemporânea e performance, tanto a nível nacional como internacional.

Colabora com Jorge Dutor (intérprete, cenógrafo e designer de iluminação e figurinos) desde 2008, com quem criou *UUUHHH, YO FUI UN HOMBRE LOBO ADOLESCENTE INVENTANDO HORRORES* (2009), *Y POR QUÉ JOHN CAGE?* (2011), *#LOSMICRÓFONOS* (2013) e o filme *THISMOVIE* (2013) e *GRAND APPLAUSE* (2016). Estes trabalhos foram apresentados em vários locais e contextos, tais como:

La Casa Encendida (Madrid), Julidans Festival (Amsterdão), Festival Panorama (Rio de Janeiro), Buda Kunstenzentrum (Kortrijk), Antic Teatre Mercat de les Flors (Barcelona), Festival Escena Abierta (Burgos), AltVigo, Short Festival de Teatro (Roma), Royal Exchange Theatre (Manchester), La Alhóndiga (Bilbau), entre outros.

Trabalhou com os coreógrafos Xavier Le Roy (*Retrospective*, 2012), Mette Ingvartsen (*Giant City*, 2009; *All the way out there*, 2010; *The Artificial Nature Project*, 2012), Frederic Gies (*7 thirty in tights*, 2013), Vincent Dunoyer (*Encore*, 2007), Andrea Bozic (*Nothing Can Surprise Us*, 2008), entre outros. Desde 2013, é professor convidado de Movement Research na School for New Dance Development.

Miguel Pereira estudou na Escola de Dança do Conservatório Nacional e na Escola Superior de Dança, em Lisboa. Foi bolseiro em Paris (Théâtre Contemporain de la Danse), em Nova Iorque, com uma bolsa do Ministério da Cultura, e em Amesterdão. Como intérprete trabalhou, entre outros, com Filipa Francisco, Francisco Camacho e Vera Mantero. Como criador destaca os trabalhos *Antonio Miguel*, com o qual recebeu o Prémio Revelação José Ribeiro da Fonte do Ministério da Cultura e uma menção honrosa do prémio Acarte/Maria Madalena Azeredo Perdigão (2000), *Notas Para Um Espectáculo Invisível* (2001), *Data/Local* (2002), *Corpo de Baile* (2005), *Karima meets Lisboa meets Miguel meets Cairo*, uma colaboração com a coreógrafa egípcia Karima Mansour (2006), *Doo* (2008), *Antonio e Miguel*, uma nova colaboração com Antonio Tagliarini (2010), *Op. 49* (2012), *WILDE* (2013) uma colaboração com a mala voadora, *Repertório para Cadeiras, Figurinos e Figurantes* (2015) para o Ballet Contemporâneo do Norte, *Peça para Negócio e Peça feliz* (2017), *Era um peito só cheio de promessas* (2019), e *Falsos Amigos* (2021), uma colaboração com Guillem Mont de Palol. O seu trabalho tem sido apresentado em toda a Europa, Brasil, Uruguai e Chile, e é professor convidado em diferentes estruturas nacionais e internacionais.

ROGÉRIO NUNO COSTA **MISSED-EN-ABÎME**

Criação, Direção, Edição e Performance: Rogério Nuno Costa

Produção: Inês Carvalho e Lemos

Dispositivo Cénico: Luís Lázaro Matos

Desenho de Luz & Direção Técnica: Kristian Palmu

Arte Sonora: Niko Skorpion

Dramaturgia de Movimento: Pie Kär

Design Gráfico: Jani Nummela

Workshop e Apoio Dramatúrgico: Colectivo FACA (Andreia Coutinho e Maribel Sobreira)

Fotografia de Cena: Miguel Refresco

Co-produção: Teatro Viriato e MUDAS. Museu de Arte Contemporânea da Madeira

Residências: Rua das Gaivotas 6, Là-Bas Studio/Kaapelitehdas, Aalto University (School of Arts, Design and Architecture), Cité Internationale Universitaire de Paris - Maison du Portugal, Campus Paulo Cunha e Silva. Pré-apresentações: Museum of Impossible Forms (Helsinki, 2018), Maison du Portugal/Parfums de Lisbonne (Paris, 2021)

Estreia: Serralves Museu de Arte Contemporânea (Porto). **Digressão:** Festival Contradança (Covilhã), Festival Temps d'Images/Museu Coleção Berardo (Lisboa), Teatro Viriato (Viseu), Chão de Oliva/Festival Periferias (Sintra), Teatro-Cine de Torres Vedras e MUDAS (Madeira)

Apoios: A Bela Associação (Almada), Ballet Contemporâneo do Norte (Sta. Maria da Feira), Estrutura (Porto), Teatro Feiteiro do Norte (Funchal) CAMPUS Paulo Cunha e Silva

Em 1917, Marcel Duchamp escreve "1917" num urinol virado ao contrário. Em 1919, desenha um bigode no mais importante retrato da história da arte, não o original (ele não é Banksy), nem sequer uma reprodução (a Pop não havia ainda sido inventada), antes um retrato que ele próprio pintou, assim copiando o original e, ao fazê-lo, quase repetindo Melville: I would prefer not to. Em 1921, Man Ray fotografa Duchamp enquanto Rose Sélavy, fechando o ciclo, ou então abrindo o caminho para o desaparecimento do artista por trás do retrato. Um século depois, ainda não sabemos relacionar-nos, histórica ou artisticamente, com a radicalidade de tais gestos, ora descredibilizando-os (ou procurando-lhes novas autorias), ora atribuindo-lhes uma qualquer intransponibilidade ou irresolução histórica. MISSED-EN-ABÎME quer falar sobre um gesto (centenário) que pode ser lido enquanto destruição, revelação, ou simplesmente ostracismo auto-imposto, como se fosse impossível fazer seja o que for depois de se ter obliterado (quase) tudo. Duchamp terá passado décadas da sua vida a fazer nada, razão pela qual Enrique Vila-Matas lhe terá dedicado algumas notas no seu romance dos autores-do-não (*Bartleby & Cia.*, 2000): « Uma vez, em Paris, o artista Naum Gabo pergunta a Marcel Duchamp porque havia ele parado de pintar. "Mais que vulez-vous?", responde Duchamp, levantando os braços no ar. "Je n'ai plus d'idées!" ». A partir deste impasse, e através da ritualização de um isolacionismo queer e sacrificial, *MISSED-EN-ABÎME* atreve-se a revisitar a negligência de Duchamp, não para lhe atribuir uma solução – « ... parce qu'il n'y a pas de problème » –, antes para aceitar o insucesso, o afastamento, a invisibilidade e o esquecimento, quicá o desaparecimento, não como rituais de vitimização ou opressão autoinfligida, mas enquanto gestos de resistência/sobrevivência. O projeto, subtintulado *Psicobiografia de um Herói Perdido (1917-1921)*, contempla um dispositivo tripartido (performance/instalação, livro e filme) pensado para o espaço do museu de arte contemporânea, assim concluindo um percurso investigativo em torno da tríade Arte-História-Solidão realizado por Rogério Nuno Costa em colaboração com artistas e pensadorxs de Portugal e da Finlândia.

Projecto financiado pelo Governo de Portugal - Direção-Geral das Artes.

Rogério Nuno Costa (Amares, 1978).

Performer, investigador, professor e escritor, desenvolve trabalho artístico transdisciplinar. Vive e trabalha entre Portugal e a Finlândia. Apresenta espetáculos, performances, conferências e textos ensaísticos que exploram os campos do teatro, dança, artes visuais e literatura. Com formação académica em Comunicação Social, História da Arte Contemporânea e Cultura Contemporânea & Novas Tecnologias, desenvolve atualmente investigação em Visual Cultures, Curating and Contemporary Art na Aalto University (Finlândia) e no Grupo de Investigação em Estudos

Performativos da Universidade do Minho. Como intérprete, co-criador e colaborador artístico, trabalhou com Mariana Tengner Barros, Patrícia Portela, Teatro Praga, Sónia Baptista, Lúcia Sigalho, Teresa Prima, Joclécio Azevedo, Susana Mendes Silva, entre outros. Colaborador assíduo da companhia Estrutura. Faz curadoria para projetos artísticos e educacionais. Professor Assistente Convidado na licenciatura em Teatro da Universidade do Minho (Guimarães). Leccionou na Escola Superior de Artes e Design (Caldas da Rainha) e ARTEZ University of the Arts (Arnhem). Trabalha com vários artistas na condição de coordenador editorial e dramaturgo. Dirige o projeto documental do Ballet Contemporâneo do Norte, estrutura na qual é artista associado. Desde 1999, o seu trabalho já foi apresentado em Portugal, França, Reino Unido, Bélgica, Países Baixos, Alemanha, Croácia, Finlândia, Roménia e Canadá.

www.rogerionunocosta.com

CECILIA BENGOLEA & FRANÇOIS CHAIGNAUD *SYLPHIDES*

Criação: Cecília Bengolea, François Chaignaud
Performers: Antonella Sampieri, Chiara Gallerani

Os Silfos são seres sobrenaturais, uma invenção da imaginação de seres humanos e psíquicos presos entre mundos (principalmente entre o dos mortos e o dos vivos, mas também o da fantasia e da realidade, o do que é possível e o do que não é ...). Tendo-se tornado uma tendência literária e coreográfica respetivamente nos séculos XVIII e XIX, a figura do silfo ainda aparece nos dias de hoje como um importante enigma na nossa imaginação. Enquanto questionam quão materiais são o corpo e a vida após a morte, bem como a nossa relação com os mortos e os seus corpos terrenos, os silfos lançam dúvidas sobre alguns grandes aspetos mais solidificados do pensamento ocidental: o dualismo, o tempo linear, o racionalismo ...
A meio caminho entre o rito fúnebre e a anfidromia (celebração do nascimento), *Sylphides* parece destinada a ser uma tentativa literal de reencarnação. Por meio de uma abordagem que possibilita vivenciar a suspensão das funções vitais, pretende aceder a uma nova compreensão do nosso corpo e dos seus potenciais aniquilamentos e renascimentos.

Cecília Bengolea (Buenos Aires, 1979), trabalha com vários media, incluindo performance, vídeo e escultura, usando a dança como uma ferramenta e um meio de empatia radical e troca emocional. Bengolea encara o movimento, a dança e a performance como escultura animada, onde ela própria é objeto e sujeito da sua própria obra. Imbuída de energias simbólicas encontradas na natureza e nas relações empáticas, as suas

composições formam-se em torno de ideias do corpo como um médium - tanto individual como coletivo. Bengolea colaborou com artistas de dancehall como Craig Black Eagle, Bombom DHQ, Damion BG e com os artistas Dominique Gonzalez Forster e Jeremy Deller. O trabalho colaborativo com o coreógrafo francês François Chaignaud, "Pâquerette" (2005-2008) e *Sylphides* (2009), ganhou vários prémios, como o Award de la Critique de Paris em 2010 e o Young Artist Prize na Bienal de Gwangju em 2014. Também co-criaram peças para a sua companhia Vlovajob Pru, bem como para o Ballet de Lyon (2013), o Ballet de Lorraine (2014) e Pina Bausch Tanztheater Wuppertal.

<https://ceciliabengolea.com>

Nascido em Rennes, **François Chaignaud** estudou dança desde os 6 anos de idade. Em 2003, licenciou-se no Conservatoire National Supérieur de Danse de Paris, trabalhando com, entre outros, os coreógrafos Boris Charmatz, Emmanuelle Huynh, Alain Buffard e Dominique Brun. De *He's One that Goes to Sea for Nothing but to Make him sick* (2004) a *Думи мої* (2013), criou várias peças performativas usando diferentes formas de dança e voz, numa grande variedade de locais, influenciado por muitas inspirações diferentes. Na sua obra, observamos a possibilidade de um corpo que se estende entre a demanda sensual e a força da voz, bem como a convergência de múltiplas referências históricas heterogêneas - da literatura erótica (*Aussi Bien Que Ton Cœur Ouvre Moi Les Genoux*, 2008) à arte sacra. É também historiador e publicou pela PUR *L'Affaire Berger-Levrault: le féminisme à l'épreuve (1898-1905)*. Com Cecília Bengolea, criou várias peças, apresentadas em todo o mundo. Os seus trabalhos recentes incluem a colaboração com Nino Laisné (*Romances Inciertos - un autre Orlando*, 2017), Theo Mercier (*Radio Vinci Park*, 2016), Marie Pierre Brébant (*Symphonia Harmoniae Caelestium Revelationum*, 2019), Dominique Brun e a orquestra Les Siècles (*Un Boléro*, 2020) e o icónico artista de butoh, Akaji Maro (*Gold Shower*, 2020). Atualmente, está a preparar uma grande performance de grupo com o diretor musical Geoffroy Jourdain baseada em repertórios espirituais polifónicos.

<https://vlovajobpru.com/en/show/>

MARGHERITA MORGANTIN *COSMIC SILENCE (FLUORESCENCE)*

The project of the Italian artist Margherita Morgantin for the Serralves Museum in Porto, on the occasion of The Museum as Performance, is titled *COSMIC SILENCE (Fluorescence)* and is part of the project *VIP = Violation of the Pauli exclusion principle SOPRA LA MONTAGNA SOTTO LA MONTAGNA*. It is an installation consisting of an environmental video shot on the mountain plateaus, and a series of windsocks that signal the invisible movements of the air, creating a new visual reference point for visitors, sensitive to atmospheric changes. The rustle of the windsocks is accompanied by the diffusion of the sound translations of subnuclear wave spectra (in collaboration with the electronic musician Ilaria Lemmo) and by a sound travelogue created for the occasion.

The experiments conducted as part of *COSMIC SILENCE*, currently underway, aim to deepen the study of the molecular mechanisms involved in the biological response to environmental radiation in model systems, both *in vitro* and *in vivo*, at different levels in the phylogenetic scale.

The windsock, a symbolic element connected to weather that has accompanied the artist's research for years, is also a literal signpost of the motorway areas exposed to strong winds in the land route that the artist traveled from Italy to Porto and back. The windsocks installed in Serralves are sewn including fragments of the fluorescent clothing worn by the workers working on the highways. The audio commentary that can be perceived recomposes the sound translation of the radiative spectra of the nuclear physics experiments in the Gran Sasso laboratories (precisely in the neutrino tunnel) with the sounds recorded along the way of a journey by land that followed the need for geographical verification of the world after the months of lockdown: the physical need to point towards an ocean horizon, to reach the Atlantic coast of Portugal without taking a flight for granted.

"While invisible and microscopic elements redefine the rules of movement and the destinies of bodies on the planet, a new audio-visual road signs system accompanies the experience of a space that has been rediscovered or, perhaps, available for the last time." (M.M.)

The four works that form the intervention for The Museum as Performance are the traces of the artist's passage as signs of particle movements. They include the environmental video installation *Campo base. Una specie del vento (Base Camp. A kind of wind, sound color 2h 15')*; the start of the climatic and performative monitoring of the project *VIP = Violation of the Pauli exclusion principle SOPRA LA MONTAGNA SOTTO LA MONTAGNA*; *Cosmic Silence 1, MIRA*: windsock installed on the tower of the chapel of Serralves

Villa; Cosmic Silence 2, fluorescence 1: windsock installed in the access stairwell of the tower accompanied by an ambient audio track (translation of *VIP spectra*); *Cosmic Silence 3, fluorescence 2*: windsock installed in the exterior of the "casa do fresco" of Serralves formal gardens, accompanied by an audio diffusion along the interior of the space (audio track built on text and a base of sounds taken from the integral recording of the car journey of the artist back from the Serralves museum to Milan).

The Gran Sasso mountain chain in the centre of Italy is the physical and symbolic centre of the investigation of Margherita Morgantin thanks to its exceptional double perspective.

VIP is a research path that starts from the observation of some images of subnuclear and astroparticle physics in relation to artistic imagination, practiced through personal sensitivity as a form of scientific data. The title borrows the name of one of the particle physics experiments that has been running for years in the Gran Sasso underground laboratories of the Istituto Nazionale di Fisica Nucleare under the Gran Sasso massif. *VIP* is the acronym that names the experimental search for 'impossible atoms', whose appearance would represent a violation of Pauli exclusion principle, still considered one of the cornerstones of our scientific understanding of the universe and matter. In *VIP*, the artist's body and experience become part of the scientific tools used for field research. *VIP* is articulated between 2020 and 2021 through different degrees of involvement of various interlocutors and audiences in the processing and presentation of its results.

Production: Xing, 2021

VIP = Violation of the Pauli exclusion principle SOTTO LA MONTAGNA, SOPRA LA MONTAGNA has been made possible thanks to the support of the Italian Council (VIII edizione 2020)

Margherita Morgantin is an Italian visual artist born in Venice who lives and works in Milan. She graduated in Architecture at the IUAV Department of Technical Physics researching on systems for forecasting natural light. Her work is articulated through different languages, ranging from drawing and installation to performance, and moving on a thread that connects language, philosophy, mathematics and visual culture. Contact and cohabitation, observation and imagination, are the open intervals that characterize the work of Morgantin. She has contributed to group shows and festivals in Italy and abroad. Recent projects of hers include: *VIP = Violation of the Pauli exclusion principle, SOTTO LA MONTAGNA, SOPRA LA MONTAGNA (2020-21)* produced by Xing with the support of Italian Council, *Doing Deculturalization* (Museum, Bolzano 2019); *Mi-abito* (Farmacia Wurmkos

and Museo del 900, Milano 2019), *BienNolo* (Spazio ex Cova, Milano 2019); *Vetrine di Libertà, La Libreria delle donne di Milano, ieri, oggi* (Fabbrica del Vapore, Milano 2019); *Artworks that ideas can buy* (Arte Fiera/Oplà, Performing activities, Bologna 2019); *Hospitality* (Non-objective Sud, Toulette, France 2018); *Embracing the moment* (Beatrice Burati Anderson Art Space and Gallery, Venezia 2018); *AndarXporte* (Palazzo Archinto, Milano 2017); *Et in terra* (Beatrice Burati Anderson Art Space and Gallery, Venezia 2017); *Drawings* (Auditorium del Parco di Renzo Piano, L'Aquila 2017); *Flow* (Basilica Palladiana, Vicenza 2017). She published the books of short texts and drawings: *Titolo variabile* (Quodlibet 2009), *Agenti autonomi e sistemi multiagente* (with Michele Di Stefano) (Quodlibet 2012), *Wittgenstein* (nottetempo 2016), *Lo spazio dentro* (with Maddalena Buri) (nottetempo e-pub 2020), *Sotto la montagna Sopra la montagna* (nottetempo 2021). Since 2013 she also works as Pawel und Pavel, a collaborative project on writing and performance with Italo Zuffi. She has collaborated with sound/visual artists and choreographers such as Michele Di Stefano/mk, Roberta Mosca, Richard Crow, Mattin, Alice Guareschi, and with the Diotima women philosophical collective. She teaches artistic anatomy, scientific illustration, and performance techniques at Accademy of Fine Arts in L'Aquila.

www.margheritamorgantini.eu

PAZ ROJO *ECLIPSE : MUNDO*

Directed by: Paz Rojo

Sound Design: Fran MM Cabeza De Vaca

Dance: Oihana Altube, Arantxa Martínez, Jaime Llopis, Paz Rojo, Ricardo Santana

Light Design: Carlos Marquerie

Costumes: Jorge Dutor

Technical Coordination: David Benito

Sound Assistance: Adolfo García

Photography and Trailer: Emilio Tomé

ECLIPSE : MUNDO proposes a device of audio-visual dissociation wherein dance appears as a void, as a separation, as a withdrawal and as an abandonment which is the etymological origin of the word "eclipse". As if it were a choreography interrupted by its own preparation, this is a dance that, although it wants nothing, it does something. Having become a continuous bass, a ruin, a murmur this dance seeks for itself another starting point, another way to dance again. This performance is accompanied by the book *To Dance in the Age of No-Future*, written by Paz Rojo, (published by Circadian, Berlin 2019).

Supported by: Uniarts (Stockholm University of The Arts) Sweden; Naves Matadero - Internacional Center of Live Arts and City Council, Madrid.

TO SEE THIS DANCE / TO DANCE IN THE AGE OF NO-FUTURE

Film and lecture

The experimental film TO SEE THIS DANCE is part of a series of audio-visual essays made during the doctoral artistic research. With the term "audiovisual-essay" I experimented with writing as montage. Or with a writing methodology which involves images, movement image, sound and text discursive materialities as a way to engage in speculative narratives and fiction. In these works I use digital and cinematic means in order to re-articulate a variety of conceptual aspects involved in the performances I have made during the research. Concretely, the film TO SEE THIS DANCE consists of translating ECLIPSE : MUNDO's dance practice and conceptual framework to the digital and cinematic medium, raising questions about what this dance's image is and how it makes itself be seen in this particular audio-visual frame.

In the book To Dance in the Age of No-Future I argue contemporary experimental dance as a non-yet produced potentiality and as an artistic and conceptual category of ethical and aesthetic concern. Based on the book, I'd like to share some ideas about how dance can be generative of aesthetic, ethical and political implications when it is practiced as being withdrawn from the production of neoliberal value and its economy of attention. A question which I'd like to also displace into the context of art practice based research and its processes of mediation, writing and publication, inasmuch it can also offer some answers regarding the non-relation between aesthetic experience and production of knowledge in the time of "communicative capitalism". - Paz Rojo

The presentation of *ECLIPSE : MUNDO* and *TO SEE THIS DANCE / TO DANCE IN THE AGE OF NO-FUTURE* in Serralves is made possible by the support of Mostra Espanha 2021, Gobierno de España - Ministerio de Cultura y Deporte, Embajada de España en Portugal - cooperación española

Paz Rojo (1974, Madrid).

For more than a decade she has been researching dance production beyond the framework of capitalist production of value. She is Doctor of Philosophy in Fine Arts in Performative and Media Practices with specialisation in choreography by the Stockholm University of the Arts, Sweden. Her work has been developed through choreographic, textual, audio-visual, curatorial, collective and experimental devices.

www.researchcatalogue.net/view/727172/727185

JACK SHEEN *CROON HARVEST*

Composition, direction: Jack Sheen

Performers: Ensemble Vocal Pro Música, lead by José Manuel Pinheiro

Gil Fesch (guitar), Nuno Pinto (guitar), Hugo Simões (guitar), Laura Peres (violin), Ana Tedim (violin), Sofia Belo (violin).

Video and photography: Laura Hilliard

Jack Sheen's music is concerned with evading linear narratives in favour of more sculptural and ecological forms, often using simple ideas such as repetition and stasis whilst questioning more elusive notions such as process, memory, and climax.

Croon harvest (2020) centres on the voice's potential to create incredible intimacy in its most hushed, unprojected state, a state within which blemishes, grain, and imperfections ornament the resulting sound. The piece is made up of small, breath-long fragments of vocal sound, with each singer instructed to perform in a way that is closer to humming or mumbling rather than singing in a projected manner.

The piece - a spatialised performance installation - invites a celebration of vacancy, placing gentle vocal lamentations in dialogue with lo-fi recordings of domestic silence taken by the large body of singers that perform the work to create a gentle tapestry of ritualistic activity, soft mumbling and white noise.

For The Museum as Performance, Sheen presents two versions of the work. One following the original one to be performed outdoors in the Serralves Park and the world premiere of a new version that includes string instruments to be performed at Casa de Serralves.

These presentations of *Croon harvest* in Serralves are made possible by the support of British Embassy Lisbon

Jack Sheen is a composer and conductor from Manchester.

He regularly works with leading orchestras, ensembles, galleries, and artists on concert and operatic performances, commissions, installations, and interdisciplinary projects. Jack's own music encompasses concert works for orchestras, ensembles, and soloists, alongside immersive performance-installations that disperse live musicians, audio, film, and dancers around large, open, non-seated spaces, blurring the lines between long-duration composition and sculpture. His recent compositions often exist in both formats.

2021 will see Jack debut with the London Symphony Orchestra, London Philharmonic Orchestra, Basel Sinfonietta, Britten Sinfonia, and FontanaMIX Ensemble in diverse programmes including premieres of his own music, return to the Lucerne Festival Academy as a Conducting Fellow, create a new loudspeaker-installation for the Venice Biennale Musica with

Neue Vocalsolisten Stuttgart, complete a large-scale new concert work and performance-installation for Octandre Ensemble, take up an artist residency at PINK Gallery in Manchester's city centre, and complete his tenure as Carne Fellow at Trinity Laban Conservatoire of Music & Dance, the first ever composer to hold this position.

Jack is the Co-Director of London Contemporary Music Festival ('the capital's most adventurous and ambitious festival of new music', The Guardian; 'London's most important festival', The Wire) and Co-Founder of the critically acclaimed LCMF Orchestra.

www.jacksheen.com

COLETIVO LOA *NKISI*

Directed by: Gil Mac

Performance and co-creation: Ana Rita Xavier, Cláudio Vidal, Dori Nigro, Wura Moraes

Music, construction and programming: Tiago Ângelo.

Research and video: Gonçalo Mota

Light design: Nuno Patinho

Interactivity: Grandpaslab

Production coordination: Liliana Abreu

Direction assistance: Rodrigo Malvar

Movement assistance: Vânia Rovisco

Research assistance: Ana Stela Cunha

Costumes assistance: Mário Calisto

Co-production: Teatro Oficina e Mafagafa

Creation residencies support: Projecto Agit Lab, CRL - Central Elétrica, gnration, Oficinas Do Convento, Sonoscopia Associação

Support: Direção-Geral das Artes

Four elementary entities, receptacles of cosmic forces, test the limits of the body in a desire to transfigure matter. They explore the possibilities of transcendence through magical activation of the performance space, in a laboratory of ritual initiation into the mysteries of the invisible. Guided by robotic sound devices and changes in lighting, these entities challenge our perception of reality. Accompanying the performance, an installation has been developed that proposes a holographic confrontation with a nkisi nkondi - a power figure that has supernatural forces. This installation proposal establishes a phantasmagoric relationship between the spectator and the museum object, that comes to life and haunts the relations of colonial domination to which it has been subjected, revealing and restoring its magical capacity

Coletivo Loa brings together musicians, performers, visual artists, researchers and ancestral spirits, summoning magical thoughts and actions, which subvert conceptual stereotyped borders and fragment imperialist narratives. Loa works from Afro-Atlantic cosmogonies proposing post-colonial performative disruptions that materialize in spaces of creative resistance.

INÊS TARTARUGA ÁGUA VARIAÇÃO PARA PIÕES Nº1

Concept: Inês Tartaruga Água

Performers and co-creation: Beatriz Bizarro, Inês Tartaruga Água, Rui Fonseca e Xavier Paes

Variations for Spinning Tops are a set of exercises that emerge from traditional top games and the encounter of that spinning body with different materials. In *Variation n.º 1* sound potentialities of ceramic tops that whistle particular tones due to its form and rotation are explored through gesture and action. Body, matter and movement come into play to compose using the top as a sound instrument that occupies and distributes itself in space in random trajectories, creating a spatialized sound dimension where attentive listening and intervals of silence sublimate moments of tension, hypnosis and meditation.

Inês Tartaruga Água (Válega, Portugal, 1994).

Multidisciplinary artist, focused on the issues of deep ecology and biopolitics, sound explorer and practitioner of DIY philosophy as well as collaborative and participatory practices in public space. Água participates in collective exhibitions since 2013, highlighting the XIII International Biennial of Artistic Ceramics (Aveiro, 2017), *Убежище / Suoja / Shelter Festival - Laboratory* (Helsinki, 2019), '48 часов Новосибирск' (Siberia, 2019), or Soundscapes (Bahrain, 2019) with Mycelium Collective. Co-Founder, alongside Xavier Paes, of ecological and activist collective REFLUXO (2017), OV/ art gallery (2021) and experimental music duo DIES LEXIC. Member of the international artistic collective Mycelium (RU, DEN, IT, USA and PT) since 2019 and vocalist at pseudo-fake-band MOSCXs, based in Porto.

<https://tartaruga-agua.art/>

GUILLEM MONT DE PALOL & MIGUEL PEREIRA FALSOS AMIGOS [FALSE FRIENDS]

Concept and performance: Guillem Mont de Palol and Miguel Pereira

Light design: Hugo Coelho - Aldeia da Luz

Production: O Rumor do Fumo

Partners: Citemor, Institut Ramon Llull, La Poderosa, La Caldera, Teatro das Figuras

Support: Fundação Calouste Gulbenkian, Novo Negócio/ZDB

Support to creation: Op.art, E.P.E./Estúdios Victor Córdon

Residencies: Citemor, Estúdios Victor Córdon, Festival Sálmon/ Graner e Mercat de les Flors, Forum Dança, La Caldera, La Poderosa, O Rumor do Fumo, Novo Negócio/ZDB

False Friends is the new project by Miguel Pereira co-created with the Catalan choreographer Guillem

Mont de Palol. Using the concept 'false friends' as a starting point, words with similar spelling or pronunciation, but which sometimes have totally different meanings. Miguel and Guillem try to build a relation of false semantic friendship, positioning themselves in a space of contrast between what is similar and what is different, between them and reality itself, creating an absurd, delirious and fun speech using words, gesture and objects.

False Friends started from an artistic residency developed under the CRUZADOS program, from La Poderosa (Barcelona).

The presentation of *False Friends* in Serralves is supported by Mostra Espanha 2021, Gobierno de España - Ministerio de Cultura y Deporte, Embajada de España en Portugal - cooperación española

Guillem Mont de Palol (Girona, 1978)

Choreographer and performer, graduated from SNDO (School for New Dance Development) in Amsterdam (2006). Since then, works in contemporary dance and performance, both nationally and internationally. He collaborates with Jorge Dutor (performer, set, light and costume designer) since 2008, with whom he created *UUUHHH, YO FUI UN HOMBRE LOBO ADOLESCENTE INVENTANDO HORRORES* (2009), *Y POR QUÉ JOHN CAGE?* (2011), *#LOSMICRÓFONOS* (2013) and the film *THISMOVIE* (2013) and *GRAND APPLAUSE* (2016). These works were presented in various places and contexts, such as: La Casa Encendida (Madrid), Julidans Festival (Amsterdam), Panorama Festival (Rio de Janeiro), Buda Kunstenzentrum (Kortrijk), Antic Teatre Mercat de les Flors (Barcelona), Escena Abierta Festival (Burgos), AltVigo, Short Theater Festival (Rome), Royal Exchange Theater (Manchester), La Alhóndiga (Bilbao), among others. He worked with choreographers Xavier Le Roy (*Retrospective*, 2012), Mette Ingvartsen (*Giant City*, 2009; *All the way out there*, 2010; *The Artificial Nature Project*, 2012), Frederic Gies (*7 thirty in tights*, 2013), Vincent Dunoyer (*Encore*, 2007), Andrea Bozic (*Nothing Can Surprise Us*, 2008), among others. Since 2013, he is invited to teach Movement Research at the School for New Dance Development.

Miguel Pereira attended The National Conservatory Dance School and the Higher School of Dance (ESD), in Lisbon. Received a scholarship from the Portuguese Ministry of Culture to continue his studies in Paris (Théâtre Contemporain de la Danse) and in New York. As a performer he worked with, among others, Filipa Francisco, Francisco Camacho and Vera Mantero. Of his choreographic work special mention goes to: the esteemed work *Antonio Miguel* for which he received the Revelation Prize José Ribeiro da Fonte/Ministry of Culture and an honour for the prize of Acarte/

Madalena de Azeredo Perdigão (2000), *Notes for an invisible show* (2001), the performance that is only announced by date and place (2002), *Corpo de Baile* (2005), *Karima meets Lisboa meets Miguel meets Cairo* a collaboration with the Egyptian choreographer Karima Mansour (2006), *Doo* (2008), *Antonio & Miguel* (2010) a collaboration with Antonio Tagliarini, *Op. 49* (2012), *WILDE* (2013) a collaboration with Jorge Andrade/mala voadora, *Repertoire for chairs, costumes, and extras* (2015) for Ballet Contemporâneo do Norte and *Piece for business* and *Happy piece* (2017), *Era um peito só cheio de promessas* (2019), and *False Friends* (2021) a collaboration with Guillem Mont de Palol. His work has been presented across Europe and Brazil, Uruguay and Chile he is regularly invited to teach in composition labs and workshops in Portugal and abroad.

ROGÉRIO NUNO COSTA *MISSED-EN-ABÎME*

Creation, Direction, Edition and Performance: Rogério Nuno Costa

Production: Inês Carvalho e Lemos

Set Display: Luís Lázaro Matos.

Light Design & Technical Direction: Kristian Palmu.

Sound Art: Niko Skorpion

Movement Dramaturgy: Pie Kär

Design Gráfico: Jani Nummela

Workshop e Dramaturgical Support: Colectivo FACA (Andreia Coutinho e Maribel Sobreira)

Stage Photography: Miguel Refresco.

Co-production: Teatro Viriato and MUDAS. Museu de Arte Contemporânea da Madeira

Residencies: Rua das Gaivotas 6, Là-Bas Studio/Kaapelitehdas, Aalto University (School of Arts, Design and Architecture), Cité Internationale Universitaire de Paris - Maison du Portugal, Campus Paulo e Silva. Preview presentations: Museum of Impossible Forms (Helsinki, 2018), Maison du Portugal/Parfums de Lisbonne (Paris, 2021).

Premiere: Serralves Museu de Arte Contemporânea (Porto).

Tour: Festival Contradança (Covilhã), Festival Temps d'Images/Museu Coleção Berardo (Lisbon), Teatro Viriato (Viseu), Chão de Oliva/Festival Periferias (Sintra), Teatro-Cine de Torres Vedras and MUDAS (Madeira)

In 1917, Marcel Duchamp writes "1917" in an upside down urinal. In 1919, he draws a moustache in the most important portrait of the history of art; not the original one (he's not Banksy), not even a reproduction (Pop was yet to be invented), but a portrait he painted himself, copying the "original", and, by doing so, almost repeating Melville: I would prefer not to. In 1921, Man Ray photographs Duchamp as Rosse Sélavy, thus completing the circle, or else paving the way for the artist's disappearance. A century later, we still don't know how to deal, historically and artistically, with these radical endeavours, sometimes discrediting

them (or assigning them new authorships...), sometimes assuming a somewhat insurmountable historical irresolution for them. *MISSED-EN-ABÎME* aims to talk about a (centennial) gesture which can be interpreted as destruction, revelation, or simply self-imposed ostracism, as if it was impossible to do anything more after having obliterated (almost) everything. Duchamp spent decades doing nothing, the reason why Enrique Vila-Matas decided to dedicate some footnotes to him in his novel about the negative authors (*Bartleby & Cia.*, 2000): « One time, in Paris, artist Naum Gabo asks Marcel Duchamp the reason for having stopped painting. "Mais que voulez-vous?", answers Duchamp, raising his arms in the air. "Je n'ai plus d'idées!" ». Inspired by this impasse, *MISSED-EN-ABÎME* ritualizes a queer, sacrificial isolationism, thus daring to revisit Duchamp's negligence while avoiding to find it a solution – « ...parce qu'il n'y a pas de problème » –, rather accepting failure, withdrawal, invisibility and oblivion, perhaps also disappearance, as acts of survival and resistance.

Subtitled *Psychobiography of a Losing Hero* (1917-1921), this piece consists in a three-part display (performance/installation, book and film) meant to be shown in the space of the contemporary art museum, thus concluding a research process on Art-History-Solitude conducted by Rogério Nuno Costa in collaboration with artists and thinkers from Portugal and Finland.

Project funded by Governo de Portugal - Direção-Geral das Artes.

Support: A Bela Associação (Almada), Ballet Contemporâneo do Norte (Sta. Maria da Feira), Estrutura (Porto), Teatro Feiteiro do Norte (Funchal).

CAMPUS Paulo Cunha e Silva

Rogério Nuno Costa (Amares, 1978). Performer, researcher, teacher and writer, develops cross-disciplinary artistic work. Lives and works between Portugal and Finland. His performances, lectures and texts explore the fields of theatre, dance, visual arts and literature. He has studied Social Communication, Contemporary Art History and Contemporary Culture & New Technologies, currently doing research in Visual Cultures, Curating and Contemporary Art at Aalto University (Finland) and as part of the Performance Studies Research Group in Minho University. Has worked as performer, collaborator and artistic consultant with the artists Mariana Tengner Barros, Patrícia Portela, Teatro Praga, Sónia Baptista, Lúcia Sigalho, Teresa Prima, Joclécio Azevedo, Susana Mendes Silva, among others. Frequent collaborator of theatre company Estrutura. Has curated many artistic and educational projects. Guest Assistant Professor in the Bachelor in Theatre at Minho University (Guimarães). He has also taught in the Arts and Design Superior School (Caldas da Rainha) and ArtEZ University of the

Arts (Arnhem). Works with many artists as editor and dramaturgist. Directs the documental project of Ballet Contemporâneo do Norte, where he is also an associated artist. Starting in 1999, his work has already been shown in Portugal, France, UK, Belgium, The Netherlands, Germany, Croatia, Finland, Romania and Canada.

www.rogerionunocosta.com

CECILIA BENGOLEA & FRANÇOIS CHAIGNAUD SYLPHIDES

Creation: Cecilia Bengolea, François Chaignaud.
Performers: Antonella Sampieri, Chiara Gallerani.

Sylphs are unearthly beings, a figment of the imagination of human beings and psychics caught between worlds (mainly between that of the dead and the living, but also that of fantasy and reality, of what is possible and what is not...). As it became a literary and choreographic craze respectively in the 18th and 19th century, the sylph figure still appears nowadays as a key and a major riddle in our imagination. As they question how material the body and afterlife are, as well as our relationship with the dead and their earthly bodies, the sylphs cast doubt on some great invariant aspects of Western thinking: dualism, linear time, rationalism... Halfway between funeral rite and amphidromy (birth celebration), *Sylphides* looks set to be a literal reincarnation attempt. Through an approach that makes it possible to experience suspension of the vital functions, we intend to access a new understanding of our bodies and their potential annihilations and rebirths.

Cecilia Bengolea (Buenos Aires, 1979), works on a range of media including performance, video and sculpture. Using dance as a tool and a medium for radical empathy and emotional exchange. Bengolea develops a broad artistry where she sees movement, dance and performance as animated sculpture, where she herself is both object and subject in her own work. Infused with the symbolic energies found within nature and empathic relationships, her compositions are formed around ideas of the body - both individually and collectively - as a medium.

Bengolea has collaborated with dancehall artists such as Craig Black Eagle, Bombom DHQ, Damion BG, and with artists Dominique Gonzalez Forster and Jeremy Deller. Her collaborative work with French choreographer François Chaignaud, *Pâquerette* (2005-2008) and *Sylphides* (2009), have earned several awards such as the Award de la Critique de Paris in 2010 and the Young Artist Prize at the Gwangju Biennial in 2014. They have also co-created dance pieces for their dance company as well as for the Ballet de Lyon (2013), the Ballet de Lorraine (2014) and Pina Bausch Tanztheater Wuppertal.

<https://ceciliabengolea.com>

François Chaignaud began studying dance at the age of six. After graduating from the Conservatoire National Supérieur de Danse de Paris in 2003, he worked with several choreographers such as Boris Charmatz, Emmanuelle Huynh, and Alain Buffard, as well as developing his own works. From *He's One that Goes to Sea for Nothing but to Make him sick* (2004) to *Думи мої* (2013), he has created performances in which dance and singing intersect in a variety of environments. In the tension that he creates, the possibilities of a body take shape, inhabiting the space between the sensual rigor of movement, the evocative power of singing, and the convergence of heterogeneous historical references - from erotic literature (*Aussi Bien Que Ton Cœur Ouvre Moi Les Genoux*, 2008) to sacred art. Also a historian, François Chaignaud published *L'Affaire Berger-Levrault: le féminisme à l'épreuve* (1898-1905) with PUR.

He has created several pieces together with Cecilia Bengolea, shown worldwide. His recent works includes collaboration with Nino Laisné (*Romances Inciertos - un autre Orlando*, 2017), Theo Mercier (*Radio Vinci Park*, 2016), Marie Pierre Brébant (*Symphonia Harmoniae Caelestium Revelationum*, 2019), Dominique Brun and Les Siècles orchestra (*Un Boléro*, 2020) and iconic butoh artist Akaji Maro (*Gold Shower*, 2020). He is currently preparing a large group performance together with musical director Geoffroy Jourdain based on polyphonic spiritual repertoires.

<https://vlovajobpru.com/en/show/>

O MUSEU COMO PERFORMANCE THE MUSEUM AS PERFORMANCE

Curadoria Curated by: Cristina Grande, Pedro

Rocha

Produção Production: Ana Conde, Cristina Grande,
Pedro Rocha, Rafael Ferreira

Coordenação técnica e Som Technical
coordination and Sound: Nuno Aragão

Vídeo e Cinema Video and Cinema: Carla Pinto

Fundação de Serralves
Rua D. João de Castro, 210
4150-417 Porto - Portugal

serralves@serralves.pt

Geral General line:
(+ 351) 808 200 543
(+ 351) 226 156 500

www.serralves.pt

 /fundacaoserralves

 /serralves_twit

 /fundacao_serralves

 /serralves

LOJA SHOP

Uma referência nas áreas do design, onde pode adquirir também uma recordação da sua visita.

A leading retail outlet for the areas of design, where you can purchase a souvenir to remind you of your visit.

Todos os dias Everyday: 10h00-19h00

loja.online@serralves.pt
www.loja.serralves.pt

LIVRARIA BOOKSHOP

Um espaço por excelência para todos os amantes da leitura.

The perfect place for all book lovers.

Ter Tue-Dom Sun-Fer Holidays: 10h00-19h00
Seg Mon - Encerrado Closed

BAR

Onde pode fazer uma pausa acompanhada de um almoço rápido ou um lanche, logo após à visita às exposições.

In the Bar of Serralves Auditorium you can take a break, with a quick lunch or snack, after visiting the exhibitions.

Todos os dias Everyday: 10h00-19h00

RESTAURANTE RESTAURANT

Desfrute de um vasto número de iguarias e deixe-se contagiar pelo ambiente que se faz viver com uma das mais belas vistas para o Parque.

Enjoy a wide range of delicacies and allow yourself to be captivated by the environment associated with one of the most beautiful views over the Park.

Seg Mon- Sex Fri: 12h00-19h00

Sáb Sat-Dom Sun-Fer Holidays: 10h00-19h00

restaurante.serralves@ibersol.pt

Apoio institucional
Institutional support



Apoio aos projetos de Paz Rojo, Guillem
Mont de Palol & Miguel Pereira
Support for projects by Paz Rojo,
Guillem Mont de Palol & Miguel Pereira



Apoio ao projeto
de Jack Sheen
Jack Sheen
Project Support



Mecenas Exclusivo do Museu
Exclusive Sponsor of the Museum

